

Funchal - sur - mér, julho, 94

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Arquivo FCS

01.289

Amigo Luizinho Feixas,

esta é a minha segunda estadia nesta ilha e, como de ~~outra~~<sup>primeira</sup> vez, não encontro um vestigio, peça que seja de máquina tónica do Herlerto Helder. Talvez as lagartixas, no olhar alfineteado encontremos a Cobras. Curiosamente, este pequeno dinossauro, como a voz costada no limite de Jals do madeirense, e porge (he sereno) evocam-me os desenhos do amigo Luizinho Feixas. Não a paisagem, esta paisagem visível, mas a paisagem a qual amancasamos a vegetação, os tafedds floridos, a pele aos estrangeiros. Não se trataria de uma desfiguração mas a revidar da matéria antes de inveterar as mãos.

Não o a boneco com este sorriso em trânsito. Ouero na voz mais apadecida a diformidade de que mostrou

em "apadrinhava" as minhas histórias  
vagas que ainda valorizadas sem além  
do merecido. Espero que o Vítor tenha  
conseguido contactá-lo, pois muito gos-  
taria que este meu livro fosse também  
motivo suficiente para o reencontro de  
duas pessoas que sinto muito.

Como lhe disse, no fim de Julho  
irei para o Porto Santo. Se o amigo qui-  
zer enviar a fotocópia do trabalho  
a morada é a seguinte:

UNIVERSIDADE  
Nunes de Rocha  
DE EVORA  
Casa das Águas  
Porto Santo

Repensarei a Lisboa, isto é, a Queluz  
em 15 de Agosto.

Não o aboneço mais. Receba  
um abraço  
do

Nunes de Rocha



Queluz, Out./94

Amigo Cruzeiro Seixas,

terá você tido já os piores sentimentos sobre mim, e com razão: ingrato servido sem o demonstrar, um telefonema sequer. Mas deixe que justifique em parte os seus sentimentos.

É você uma pessoa todo o seu dia e entendi importuná-lo só quando houvesse razão decente para isso: o livro por exemplo. Ora este talvez lá para o final do mês conheça a luz, segundo o Vítor. Assim resolvi não estender o meu silêncio deselegante e o que é mais, agradecer a simpática carta regressada do Porto Santo e você me entregou. Gostei muito da sua "chávena roída" pelo Areal. Podia bem ser a mais completa significação de um contrato social: a mão ao contrário da boca donde a verdade nasce verminia sob o açúcar depositado. Diz Frei Amador Arrais nos seus Diálogos que estou a ler que "Séneca alegava com Fédon, dizendo que havia uns animais pequenos que não eram sentidos quando mordiam."

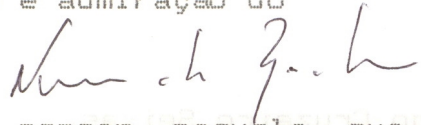
Não lhe disse da última visita (com o Vítor) da fantástica dispersão dos sentidos, experimentada em sua casa. É um mundo; três, quatro divisões? em que se subdivide a história recente da poesia e pintura portuguesas. Os olhos andaram-me de um a outro lado em vertigem que me envergonhou um pouco. Recordou-me também a casa do Ruy Pinatti com as suas divisões representativas das quatro partes do mundo.

Agradeço ainda a si e ao Eduardo Salavisa o convite para o jantar no dia 1 de Setembro. Expliquei ao Eduardo que não podia: o aniversário da minha companheira. Espero contem comigo para a próxima vez. Gostaria muito (íssimo).

Devo dizer que ainda não vi a Exposição na S.Mamede. Este ano lectivo fui colocado em Venda do Pinheiro, povoação anexa à Malveira. É longe o suficiente para me bloquear o tempo restante das aulas em transportes com hora marcada. De todo o modo houve um dia, logo depois de 14 de Setembro consegui um dia extra, uma folga. Lá fui à Galeria eram 13, 14 horas, ocupei o tempo até ao horário previsto para a abertura da tarde. Decididamente acharam que os horários são uma alegoria o que em arte é ainda mais uma figura de estilo. Não me sobrava muito tempo. Desisti não sem antes do voyeurismo pelas vidraças. Estremeci de emoção o que pude e era possível a alguém com a memória num aquário. Tudo o mais era silêncio lá dentro e ferragens dos eléctricos cá fora. No entanto talvez até 19 me seja possível ainda. Muito queria.

Não o aborreço mais. Você estará provavelmente a escutar um concerto para violino do Bach, ou a traçar a perna ante esta vulgaridade de neófito. E isso é só possível aos Grandes Feiticeiros. Por mim vou "curtir" uma febre com origem numa amigdalite que todos os anos, por este mês me ataca. Mal consigo engolir.

Receba um abraço e admiração do



P.S. Sabe que fiquei a pensar naquela sua pergunta de despedida "porque é que você não pinta?" E ri-me. Sou completamente falho de talento. Todavia pendurei a sua "Chávena" na parede.



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Dr. Nunes da Rocha  
Av. Gen. Humberto Delgado, 13-1<sup>o</sup>  
2745-QUELUZ

FRANQUIA  
M BOMBARDA  
2745 QUELUZ  
42.00  
EMP 002  
CORREIOS DE PORTUGAL  
CORREIOS DE PORTUGAL  
CORREIOS DE PORTUGAL  
CORREIOS DE PORTUGAL  
06-10-94

Telefone 4397456

Vitor Silva Tavares  
3978738

Para o Ex. mo Sr.

UNIVERSIDADE FEIXAS  
DE ÉVORA

Rua da Rosa, 15-2-3<sup>o</sup>

1200 LISBOA

01.289.02



Senda do Pinheiro, Nov. 94

Henrique Augusto Feixas  
foi-me muito grato receber a sua última, simpática  
e analgésica, muito bonita como já me habituou. O desenho  
é magnífico, "narrativo" o suficiente para dele derivar uma  
boa história.

Pôs-se o amigo Feixas "causador" entre a crítica filiar  
do Cesárium e a minha LIBERDADE. Há nisso generosidade  
que não contava quando você interpõe alguma de história  
comum à crítica amarga do Mário.

Mas defendo. A casei ontem (justamente quando rece-  
bi a sua carta) de reler a edição de TITÂNIA. A primeira  
vez que apanhei o "flash" de tão magnífica obra foi-o há  
sete anos talvez, através de um exemplar emprestado, de  
Dom Quixote. O deslumbramento foi tal que a luz se sedimentou  
na minha memória e, sobre ela, devo dizer-lo, cons-  
truí parte daquilo que, com generosidade, chamo de  
minha poesia. Mas é uma memória que funciona  
por ecos dessa luz, em andaimes invisíveis mas fortes  
às paradas confusas do meu caminho.

A LIBERDADE NÃO É ATUA começou a ser escrito  
há dois anos. E se a memória de TITÂNIA me iluminou  
as noites do exercício, foi o éça (!) que atrás daquelas  
bigodes únicos me "induziu" à prosa. E porge o  
número três é perfeito, o Manuel de Lima do HAKAQUIAS

afundou a conferência. Assim muitos dias, sem um exemplar  
vísivel do dito TITÂNIA, bastos anos.

Por esta altura da conversa liá-de o amigo concluir que  
estou a ser petencioso na invocação de tal cenáculo. Mas uma  
coisa é a mesa-pé-de-galo e outra, muito diferente, é o resul-  
tado de tal prática demingica. E depois quem é o Deus de  
Rocha ante tais iluminárias? Tudo isto porque ao terminar a re-  
leitura do livro do Hário, ficou-se-me a traquesada a ideia vis-  
cosa de ele ter concluído que eu fizera mão-baixa ao seu pa-  
trimónio lírico. O Vítor adiantou que a causa maior es-  
tava nas minhas meuzõe em contadas particularas. O meu  
amigo Luzeiro deixou adiantar outras. Na verdade ele  
liá osmoses, "paranóias" líricas (usando conceito marianos)  
contacto evidentes, mas que se forem bem avaliados, concluirí-  
-x-a que o aprendiz aprendeu, com o mestre. Paciência, ficou  
tudo menos brilhante. Tem razão, não quando diz que "ele não  
é indispensável e muito menos infalível". Concordo consigo  
sobre a tal entrevista na Púlbica. Continua a ser todavia, para  
mim, o grande poeta, um dos maiores.

Mas não o aborreci com esta conversa. Peço-lhe um favor,  
caso tenha paciência e disponibilidade de um dia me escrever e  
cú, requisitando a sua memória, me dizer algo sobre o Am-  
tório Maria Lisboa. O homem, as suas particularidades, o que  
consigo foi o poeta, hoje ainda ignorado. Tenho a edição de  
texto organizado pelo Hário na Assírio (com a história que se  
sabe) e feroz mais, pontualmente.

Agradeço-lhe a "metade" que me oferece do seu desenho.  
Falarei com o Vítor, mas - parece-me que a lei de Salomão  
aqui não se aplica.

Despeço-me com o pedifório enviando-lhe abraços  
amigos.

Luzeiro